

## MOBILIDADE PRODUTIVA E CRESCIMENTO DA PRODUTIVIDADE NO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO

**Pedro Gabriel Eduard V. M. Meiners**

Pesquisador no Núcleo de Estudos de Economia Agrícola (Ne<sup>2</sup>Agro) na Diretoria de Estudos e Políticas Regionais, Urbanas e Ambientais do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Dirur/Ipea). *E-mail:* pg.meiners@gmail.com.

**José Eustáquio Ribeiro Vieira Filho**

Pesquisador de estudos de políticas agropecuárias na Dirur/Ipea; e professor do Mestrado Profissional em Políticas Públicas e Desenvolvimento na mesma instituição. *E-mail:* jose.vieira@ipea.gov.br.

DOI: <http://dx.doi.org/10.38116/td2916-port>

Para compreender melhor a trajetória de crescimento da agricultura brasileira, é preciso entender o movimento da produtividade de diferentes classes de produtores dentro do país, ou seja, verificar se os produtores mais pobres estão convergindo em produtividade com os mais ricos. A partir do modelo de fronteira estocástica, comparam-se os ganhos de produtividade total dos fatores (PTF) de três diferentes estratos de produtores agrícolas no Brasil. Utilizando dados dos Censos Agropecuários 2006 e 2017, no nível microrregional, estimam-se tanto o progresso técnico (PT) quanto o crescimento de eficiência técnica (CET) da agricultura brasileira para diferentes tamanhos de propriedades.

Os resultados sugerem que avanços tecnológicos estão presentes em todos os tamanhos de fazendas, concentrando-se nos maiores produtores, o que contribui para divergência de produtividade no Brasil. Além disso, o aumento da ineficiência indica que fazendas de menores portes não têm sido capazes de absorver o progresso tecnológico. Buscou-se avaliar também em que medida o porte produtivo, em termos de área, influenciaria a dinâmica de crescimento dessas variáveis.

Entende-se que os produtores de maior porte obtiveram mais sucesso no desenvolvimento de negócios mais rentáveis de produção e melhores taxas de absorção das tecnologias e dos novos conhecimentos desenvolvidos. Em contraste, os de menor porte, que dependem mais de programas assistencialistas e instituições estatais para desenvolvimento, não foram tão bem-sucedidos.

No intuito de aprofundar as análises, é importante verificar o comportamento da PTF em diferentes grupos de áreas, em níveis regionais, seja por estado, seja por macrorregiões. O Brasil, desde os anos 2000, promoveu forte interiorização da produção, aumentando o cultivo de grãos e a pecuária no centro do país, como no Centro-Oeste e na região denominada Matopiba, a qual é formada por territórios do Maranhão, do Tocantins, do Piauí e da Bahia. As regiões e os produtores com desempenho pior são aqueles que possuem dificuldade na absorção de novos conhecimentos e tecnologias.